

**Gripe A na UEL:
uma análise das imagens veiculadas na mídia, no dia seguinte
à suspensão das atividades no campus**

Uriá FASSINA¹
Paulo César BONI²

Resumo

O presente artigo faz análise das imagens publicadas pela mídia no dia seguinte à suspensão das atividades no campus da Universidade Estadual de Londrina, no norte do Paraná, motivada pela suspeita de um caso de Gripe A em uma estudante de outra instituição que estagiava na UEL. Para a análise, foram adotadas duas metodologias: a iconografia versus iconologia, proposta por Kossoy (2001), e a desconstrução analítica, proposta por Boni (2000). Ambas procuram segmentar a análise, identificando primeiro seus aspectos visíveis para depois interpretar seus significantes, sendo que a segunda, pela análise dos recursos técnicos e dos elementos da linguagem, busca se aproximar da intencionalidade de comunicação do fotógrafo. O artigo também avalia o papel do fotojornalismo e a construção de sentido premeditada pela imagem. Neste objeto de estudo – e pelas metodologias adotadas – ficou claro que houve uma tendência de humanização da mensagem e a exploração exacerbada do uso de um significante: a máscara protetora das vias respiratórias.

Palavras-chave: Fotojornalismo. Gripe A/H1N1. Universidade Estadual de Londrina.

Abstract

This article analyzes the images published by media in the days following the suspension of activities on the campus of the Universidade Estadual de Londrina (Londrina State University, northern Paraná state) motivated by a suspected case of influenza A in a student of another institution that trainee in UEL. For the analysis, we adopted two methods: the iconography versus iconology, proposed by Kossoy (2001), and analitic deconstruction, proposed by Boni (2000). Both seek to segment the analysis by identifying visible aspects first and then interpret their significant. This second method, proceed to analysis the technical resources and elements of the language, trying to approach the intentional communication of the photographer. This paper also discusses the role of photojournalism and your deliberative construction of meaning by the image. On this object of study - and by methodologies used - its clear that there was

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). uria.fassina@gmail.com

² Professor da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP). pcboni@sercomtel.com.br



a trend of humanization and extra-exploitation of the use of a signifier: the airway protective mask.

Keywords: Photojournalism. Influenza A/H1N1. Intentionality of the image.

Introdução

O surto de gripe ocorrido em 2009, inicialmente chamada de *gripe suína* e posteriormente de *gripe A*, iniciou na América do Norte – entre México e Estados Unidos – no mês de abril. O subtipo H1N1 do vírus *Influenza A* é uma variação de uma espécie originalmente encontrada endemicamente em suínos. Este surto rapidamente ganhou o *status* de pandemia representando uma ameaça global e gerando alto grau de preocupação nas autoridades sanitárias – principalmente devido ao grau de mortalidade com o qual a doença se manifestou no México.

No Brasil, onde os primeiros casos da doença foram confirmados no início de maio de 2009, a mídia impressa e televisiva deu ênfase especial ao tema e despertou a atenção da população. Em meados de junho uma estudante da Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), que permaneceu por alguns dias na Universidade Estadual de Londrina e circulou por espaços no campus onde há grande fluxo de pessoas, manifestou sintomas da doença e teve a contaminação pela variação H1N1 confirmada. Neste cenário, uma decisão colegiada determinou a suspensão das atividades no campus como medida preventiva contra a doença no dia 25 de junho de 2009, uma quinta-feira. A paralisação das atividades, que inicialmente voltariam às 14 horas do dia 29 do mesmo mês, na segunda-feira seguinte, acabou por ser prorrogada por mais uma semana e as atividades normais só voltaram então no dia 6 de julho.

A medida preventiva de suspensão das atividades – que trouxe um ar de tensão – chamou a atenção da mídia local e, no dia seguinte os principais jornais de Londrina estamparam em suas primeiras páginas imagens relacionadas à presença do vírus Influenza A na UEL. Estas imagens, repletas de elementos de significação, são o objeto de estudo deste trabalho.

Por meio do método da *desconstrução analítica* proposto por Boni (2000), pretende-se tecer uma análise das fotografias publicadas, buscando sempre a intencionalidade do fotógrafo na construção da mensagem imagética que este pretende veicular. Segundo Boni (2000, p.290), o processo de desconstrução é o método de análise mais recomendável para o leitor descobrir a intencionalidade de comunicação explícita – e às vezes, implícita – numa fotografia. “Nele, decompõem-se o todo em partes e se procura, através da análise do uso de determinado recurso técnico ou de elementos constitutivos da linguagem fotográfica, gerar indícios de qual seria a intencionalidade de comunicação do repórter fotográfico.”

Para Kossoy (2001), o processo de leitura da imagem fotográfica passa primeiro pela análise *iconográfica* e só depois pela interpretação *iconológica*. A primeira concentra-se em decupar, inventariar e classificar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos, situando-se sempre em nível descritivo, a meio caminho da busca do significado. Já a segunda análise, iconológica, concentra-se na interpretação



subjetiva destes elementos iconográficos decupados – interpretação esta que está diretamente ligada ao repertório individual do leitor. Desta forma, a iconologia preocupa-se em desvendar, por meio do assunto registrado no documento, chamado por Kossoy de *segunda realidade*, o contexto e as circunstâncias nas quais o registro foi obtido (a *primeira realidade*), iluminando inclusive, aspectos das intencionalidades do fotógrafo.

O papel do fotojornalismo na disseminação da informação

Em sentido restrito, Sousa (2000, p.12) aponta o fotojornalismo como atividade que “[...] pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (‘opinar’) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico”. Uma vez que constitui uma metáfora que dialoga diretamente com o mundo real e sensível, a fotografia – e neste caso, sobretudo o fotojornalismo – cumpre o papel de aproximar o leitor deste universo colocando-o dentro do acontecimento, ativando diretamente o seu sentido mais importante: a visão. No caso particular estudado neste trabalho, um surto de proporção global, colocar o leitor na cena, sensibilizá-lo e mostrar os efeitos da propagação do vírus têm importância relevante, até para a saúde pública.

A fotografia é capaz de representar a aparência externa visível das coisas. Foi esta potencialidade do *medium* que o jornalismo aproveitou, ao ponto de se desenvolver, no seu campo, uma forma de informação visual que é genericamente conhecida por fotojornalismo, que, de algum modo, familiariza o receptor com a situação imageticamente representada, aproximando-o do que aconteceu.³

Sendo ainda a mensagem fotográfica “composta por códigos abertos e contínuos, ou seja, sem símbolos preestabelecidos”, como lembra Boni (2000, p.13), sua importância se torna ainda mais relevante ao transmitir informações de utilidade pública de maneira universal. Ainda segundo Boni (2000, p.13):

A fotografia sempre permite uma leitura. Qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, falante de qualquer idioma, alfabetizada ou não, desde que dotada do sentido sensorial da visão, extrai dela alguma mensagem. Em razão dessa constante e incontestada permissão, a fotografia supera a escrita em termos de comunicação. A linguagem verbal impede aos analfabetos sua leitura. A imagética, não. A linguagem imagética é universal. A verbal, não.

³ SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo performativo: o serviço de fotonotícia da agência Lusa de informação**. Santiago de Compostela, 1997 (Tese de Doutorado) - Universidade de Santiago de Compostela. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo-tese.html>>. Acesso em 8 jul. 2009.

A máscara de proteção como significante

Na fotografia, tudo que se mostra deve ser levado em consideração, pois esta é a manifestação sensível da imagem. Logo em análise preliminar, e até menos compromissada, das imagens publicadas nas primeiras páginas dos periódicos analisados – *Jornal de Londrina*, *Folha de Londrina* e *Gazeta do Povo* – no dia seguinte à suspensão das atividades na UEL, pode-se notar facilmente uma forte recorrência. Todas as imagens lançam mão do mesmo elemento de significação principal: a máscara branca que cobre parte do rosto e, teoricamente, protege as vias respiratórias do indivíduo.

Numa composição fotográfica, cada elemento – ou mesmo parte dele – pode constituir um significante. Num cenário retratado em que apareçam pessoas, animais e objetos, cada um desses elementos é considerado um significante. E cada uma das partes desses elementos também podem ser consideradas significantes, pois, além de remeterem o leitor a um signo, geram interpretações diferentes e provocam em cada leitor, uma nova semiose. (BONI, 2000, p.17).

De fato, diante de um tema como este o fotógrafo se encontra em uma situação menos trivial. Como colocar em uma fotografia uma ameaça impossível de ser enxergar a olho nu? Apesar de haver tecnologia suficiente para capturar a imagem do vírus Influenza A/H1N1 (Figura 1), a imagem não possui elementos de significação importantes e suficientemente persuasivos porque não dialoga diretamente com o mundo real, sensível e visível. Aproxima-se de uma abstração, um universo “inexistente”, algo com o qual não se tem contato. Ao contrário do que se espera, imagens como esta se distanciam do aspecto especular da fotografia, tão desejável no fotojornalismo. Obviamente, parece sempre mais interessante mostrar as consequências da propagação do vírus no dia-a-dia da sociedade do que a sua aparência quase estéril e pouco significativa. Por isso, o fotógrafo faz uso de elementos de significação que remetem diretamente ao mundo real: a máscara, as pessoas, o ambiente.

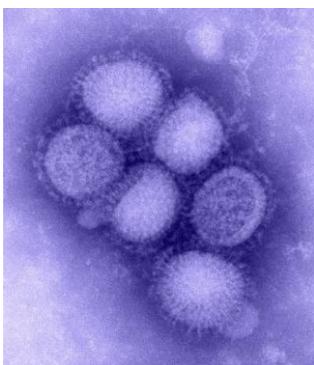


Figura 1 – Imagem do vírus Influenza A H1N1 captada por microscópio eletrônico.
Fonte: *CDC Influenza Laboratory*⁴.

⁴ *International Committee on Taxonomy of Viruses. The Universal Virus Database, version 4: Influenza A.*
Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/ICTVdb/ICTVdB/00.046.0.01.htm>

Partindo para uma análise iconográfica mais profunda das imagens que apresentam pessoas vestindo máscaras – muito possivelmente estudantes da UEL – pode-se notar também algumas outras recorrências: o plano de tomada, o enquadramento, o ângulo de tomada, a disposição horizontal das imagens, a presença humana, a luz ambiente e a ausência de *flash*, o foco seletivo, o uso da regra dos terços em quase todas as imagens e a escolha da objetiva que parece ser a mesma em pelo menos quatro das cinco imagens analisadas.



Figura 2 – “Estudantes caminham pelo calçadão do campus: retomada de atividades somente após resultado de exames”

Fotografia Roberto Custódio

Fonte: Primeira página do *Jornal de Londrina* de 26 de julho de 2009

Algumas das imagens analisadas não possuem indícios suficientes que revelem com precisão quais tipos de objetivas foram usadas. Naquelas onde o foco seletivo é evidente, como nas figuras 3, 4 e 5 é possível que os repórteres fotográficos tenham lançado mão de uma teleobjetiva. Com esse tipo de lente, os fotógrafos não precisam se aproximar muito da cena e podem captar feições e comportamentos bem mais espontâneos. Esta “espontaneidade” nas expressões também pode ser vista na figura 2, apesar da seleção de foco ser um pouco mais suave. Já na figura 6, notoriamente menos espontânea, a profundidade de campo sugere o uso de uma lente semigrande angular ou normal, com abertura mediana do diafragma.

É possível notar nas figuras 2 a 6, que a presença humana no ambiente é registrada em plano americano, ou seja, enquadrando as pessoas do joelho para cima o repórter fotográfico registra a interação destes indivíduos com aquilo que os cerca – no caso, o conhecido calçadão do campus, um dos ícones da universidade. Por ter a capacidade de mostrar a interação entre indivíduo e ambiente, os planos médios e americanos, são bastante comuns no fotojornalismo.

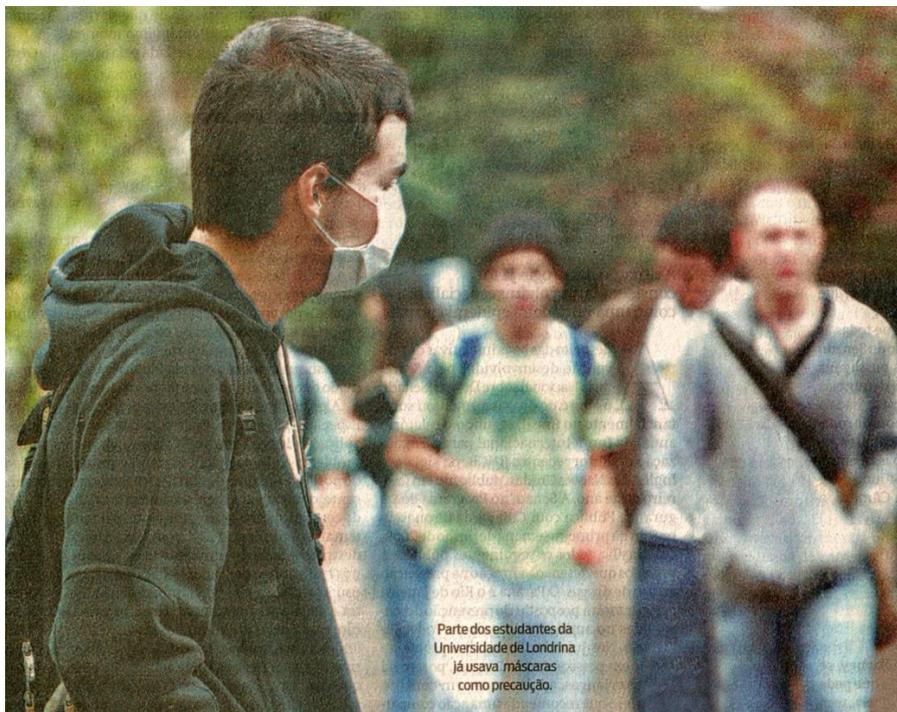


Figura 3 – “Parte dos estudantes da Universidade de Londrina já usava máscaras como precaução”

Fotografia: Roberto Custódio

Fonte: *Jornal Gazeta do Povo*, 26/06/09, p.1

Nas imagens, nota-se o ângulo linear de tomada. Deste modo, os repórteres fotográficos colocam o leitor diretamente na cena, na mesma “altura” e importância daqueles que estão retratados. O foco seletivo em todas as imagens que mostram estudantes usando máscaras (com exceção da figura 6, onde esta seleção não é evidente) é usado justamente para ressaltar a importância daquele indivíduo na transmissão da mensagem pretendida: ele é o elemento principal da notícia e ainda carrega o significante majoritário destas fotografias - a máscara de proteção. Para reforçar ainda mais esta ideia, os fotógrafos se valem da regra dos terços colocando os protagonistas próximos aos pontos áureos da fotografia. Isto só não ocorre na imagem mostrada na figura 2, em que notamos certa simetria, e o leve foco seletivo é suficiente para destacar os estudantes no ambiente.



Figura 4 – “Gripe muda rotina dos paranaenses”

Fotografia: Fábio Ciquini

Fonte: *Folha de Londrina*, 26/06/09, p.1

A função de uma imagem, sobretudo no fotojornalismo, é significar. Sua função significativa varia em relação ao contexto em que está inserida (seu referente), em relação ao tempo e ao espaço. Se na ocasião da publicação dos jornais o leitor estivesse vendo a imagem de pessoas com máscaras pela primeira vez no ano, as mesmas imagens agora tão significativas provavelmente precisariam da ajuda complementar do texto para ser desvendadas com a precisão necessária para que se faça valer o seu teor informacional, imprescindível para o veículo jornalístico que pretende disseminar informação de e com qualidade. O uso da máscara é um elemento significante, principalmente porque ele se tornou quase que um *símbolo* do vírus, mesmo tendo, como afirmam os infectologistas, pouca validade. Criou-se a impressão de uma falsa proteção. No mundo todo, inclusive.



5 – “Com medo da contaminação, alguns alunos circularam com máscaras pelo campus na manhã desta quinta”

Fotografia: Roberto Custódio

Fonte: Site oficial do *Jornal de Londrina*⁵, 25/06/2009

Neste sentido, a construção da mensagem na mente do leitor não se dá por apenas uma imagem, mas sim pela combinação dos significantes presentes em todas as imagens que ele observa no seu contexto atual e em comparação com as imagens relacionadas ao tema que já registrou durante sua vida.

Nas figuras 2, 3, 5 e 6 nota-se também outros dois elementos de significação importantes: os jovens e as bolsas que carregam nos ombros e costas. Pode-se deduzir rapidamente desta combinação, em um processo agora iconológico, que se trata de estudantes. Se o leitor já caminhou pelo calçadão da UEL terá repertório suficiente para, mentalmente, situar os estudantes dentro do campus.

Desta forma, observa-se que o uso da máscara para proteger as vias respiratórias só se tornou um elemento de significação graças à ação da mídia e não por recomendação oficial – uma vez que é sabido, por meio das autoridades sanitárias, que esta é uma medida de prevenção pouco efetiva e tem mais validade em evitar que pessoas contaminadas propaguem o vírus do que em bloquear a sua entrada naquelas que estão saudáveis: justamente o contrário do que foi possível verificar nas imagens fotográficas de periódicos e até mesmo na mídia televisiva, que também explorou exaustivamente esta que parece ser uma “simbologia” da gripe.

⁵ Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/jl/online/conteudo.phtml?tl=1&id=899475&tit=Com-24-casos-monitorados-UEL-suspende-aulas-ate-segunda-feira>> . Acesso em: 1 jul. 2009.



Figura 6 – “Antes mesmo da decisão ser comunicada, estudantes andavam pelo campus usando máscaras”

Fotografia: Roberto Custódio

Fonte: Matéria completa sobre a gripe A na UEL, *Jornal de Londrina*, 26/06/2009, p.6

O ambiente da universidade e a presença humana

Com o uso de um plano de tomada médio – que mostra interação entre o indivíduo e o ambiente – e o uso claro da perspectiva, pode-se inferir que a intenção do repórter fotográfico Roberto Custódio (Figuras 7 e 8) é mostrar o grande fluxo de pessoas e como isso pode facilmente transformar-se em aglomeração.



Figura 7 – “Alunos deixam campus da UEL depois de anúncio de suspensão de aulas” - Fotografia: Roberto Custódio

Fonte: *Jornal Gazeta do Povo*, 26/06/09, p.4



Figura 8 – “Estudantes tiveram aulas suspensas sob alegação de evitar possível transmissão do vírus A H1N1”

Fotografia: Roberto Custódio

Fonte: Site do *Jornal de Londrina*⁶⁶, 25/06/09

⁶⁶ Disponível em: < <http://portal.rpc.com.br/jl/online/conteudo.phtml?tl=1&id=899546&tit=Especialistas-defendem-suspensao-das-aulas-da-UEL-por-suspeita-de-gripe-A-H1N1>>. Acesso em 1 jul. 2009.

Já na imagem de Gilberto Abelha (Figura 9), com o mesmo plano de tomada e perspectiva, mas sem a presença do elemento humano, fica clara a pretensão do fotógrafo em transmitir a ideia de vazio e até certo abandono. Aliás, sem a presença humana como referência, o plano de tomada que é médio nas figuras 7 e 8 passa a geral na figura 9, já que não há interação entre indivíduos e ambiente.

Interessante é a geração de sentido que emerge da combinação das figuras 8 e 9, de Custódio e Abelha, respectivamente: em um primeiro momento, quando as atividades foram suspensas, havia um grande fluxo de pessoas na universidade (dia 25 de junho). Em um segundo momento, dia 29 de junho, quando a suspensão das atividades foi prorrogada, a imagem mostra o resultado da desocupação humana, o que gera um contraste acentuado entre as imagens.



9 – “UEL decide manter atividades suspensas”

Fotografia: Gilberto Abelha

Fonte: *Jornal de Londrina*, 30/06/2009, p.1

Por último, têm-se uma imagem publicada na *Folha de Londrina* (Figura 10), que não aparenta ter muitas semelhanças estéticas ou iconográficas com as outras imagens analisadas. Tomada em preto e branco, por Fábio Cirquini, é um plano médio que mostra um funcionário lavando com jato de água, as dependências do que aparenta ser um restaurante ou lanchonete. Para o leitor que não conhece o Restaurante Universitário da UEL, é necessário recorrer ao texto para chegar a este nível de exatidão da informação.



Figura 10 – “Funcionário faz a desinfecção do Restaurante Universitário”

Fotografia: Fábio Ciquini

Fonte: *Folha de Londrina*, 26/06/2009

Com uma lente normal (50mm, provavelmente) o fotógrafo captou o ambiente com profundidade de campo. Nele, o leitor pode facilmente identificar as mesas e as cadeiras dispostas de forma organizada dentro do restaurante. Assim como nas outras imagens, o ângulo de captura da imagem coloca o leitor no ambiente, no mesmo nível do personagem retratado. Mais uma vez o fotógrafo posicionou o elemento humano principal próximo aos pontos áureos valorizando a informação essencial da mensagem imagética.

Com base nas técnicas usadas para a captação desta imagem, pode-se então partir para a interpretação iconológica, pela qual é possível encontrar pistas sobre as intenções do fotógrafo. Mais uma vez nota-se o vazio explícito na imagem, assim como na figura 9. O trabalho solitário do funcionário é reforçado pelo plano de tomada e pela profundidade de campo. Desta maneira pode-se intuir que a intenção do fotógrafo é de fato mostrar as consequências da contaminação na sociedade, e todo o trabalho de contenção que está envolvido no combate à propagação do vírus.

Ao estar fotografando e produzindo um significado para traduzi-lo a seus leitores, o fotógrafo estará sendo fiel ao seu modo de ver a realidade. Estará obedecendo instintivamente, mesmo sem se dar conta, às vezes, a seu estilo, tendências e repertórios. E como acredita que sua visão daquela realidade seja o real, intenciona traduzi-la para os leitores. (BONI, 2000, p.51).



A construção de sentido por meio da fotografia

A imagem é capaz de proporcionar uma “vivência” tão rica quanto às demais experiências sensíveis com as quais os humanos convivem. Sobretudo a fotografia, que provém um quase inexplicável “efeito de realidade”.

Nas imagens analisadas é possível perceber claramente que o conteúdo simbólico, por muitas vezes, é mais importante do que as características plásticas. É frequente observar que o apelo estético ou plástico é usado justamente para reforçar o conteúdo simbólico ou potencialmente significativo da imagem. E, como é possível perceber, o papel do significante na transmissão desta mensagem é essencial. Elementos de significação são “atributos que, atrelados de alguma forma ao significante, auxiliam – ou mesmo induzem – o leitor a se aproximar do significado pretendido por quem produz a imagem”. (BONI, 2000, p.24).

Os elementos de significação ficam à disposição de quem produz a mensagem imagética. Eles podem ser usados para influenciar os leitores à interpretação pretendida pelo emissor – sobretudo no Brasil, onde não há uma cultura estabelecida de leitura de imagens. Em síntese, é possível afirmar que enunciador interfere diretamente na forma de significar, pois tem em suas mãos a possibilidade de mostrar ou esconder, enaltecer ou rebaixar, valorizar ou inferiorizar. Com isso, cria o cenário que lhe convém na construção da mensagem que pretende disseminar. Ou seja, como expõe Boni (2000, p.50) “o fotógrafo é capaz de tecer adjetivos sobre o que fotografa. É capaz de deixar o bonito ainda mais belo, o feio ainda mais torpe, a denúncia social ainda mais repugnante, o crime bárbaro ainda mais hediondo”.

Com o domínio das técnicas fotográficas e experiência em identificar potenciais significantes, exaltando-os ou oprimindo-os, o fotógrafo cria o caminho pelo qual quer que o leitor trafegue, ligando e encadeando os pontos que lhe interessam, sugerindo um percurso de significação, de geração de sentido. Nas imagens analisadas vê-se, por exemplo, o uso de significantes enaltificados, como a máscara protetora, bastante presente na memória recente do leitor e que, neste contexto, remete diretamente ao tema da pandemia.

Considerações finais

Com a finalidade de analisar imagens publicadas nos periódicos de Londrina logo após a suspensão das atividades na Universidade Estadual de Londrina, motivada pela suspeita da presença do vírus Influenza A/H1N1 no campus, este estudo buscou realizar inferências sobre as intencionalidades dos repórteres fotográficos que cobriram a notícia no dia 25 de junho de 2009. Para tal, foram utilizados os parâmetros e métodos descritos por Boni (2000) e Kossoy (2001), que pressupõem que a análise da imagem inicia-se com a desconstrução, ou decupagem, dos elementos visíveis, aferindo as técnicas fotográficas empregadas e os valores iconográficos presentes. Com base nesta análise, parte-se então para uma reflexão sobre suas consequências iconológicas e de geração de sentido.

Apesar de estarmos acostumados a ler imagens por aquilo que elas apresentam e revelam, e não pela forma como foram construídas, na *desconstrução analítica* proposta



por Boni (2000) esta predisposição deve ser revista. Há a necessidade de se transpor o visível para tentar captar as intenções daquele que produz a mensagem visual por meio da fotografia. As análises das “imagens da gripe” obedeceram a esses critérios e premissas.

Com estas análises e reflexões foi possível chegar a algumas inferências sobre as intencionalidades dos fotógrafos, muitas delas em comum, como por exemplo: (1) exaltar o lado humano; (2) situar o leitor, por meio da fotografia jornalística, dentro do campus da universidade; (3) evidenciar prioritariamente as máscaras – ou seja, como as pessoas agem para tentar se prevenir de uma ameaça invisível eminente e, por meio deste poderoso significante, dar tom de alerta à notícia e sugerir quais seriam as reais conseqüências da pandemia na sociedade. Por último, foi possível perceber que houve uma preocupação em humanizar a mensagem, até na imagem em que a figura humana não está presente (Figura 9), uma vez que mostra a perturbadora ausência de pessoas em um local comumente conhecido pelo grande fluxo de estudantes.

Referências

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA/USP.

COSTA, Daniel; LUPORINI, Fábio. **Com 24 casos monitorados, UEL suspende aulas até segunda-feira**. Jornal de Londrina, Londrina, 25 jun 2009. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/jl/online/conteudo.phtml?tl=1&id=899475&tit=Com-24-casos-monitorados-UEL-suspende-aulas-ate-segunda-feira>>. Acesso em: 1 jul. 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LUPORINI, Fábio. **Especialistas defendem suspensão das aulas da UEL por suspeita de gripe A H1N1**. Jornal de Londrina, Londrina, 25 jun 2009. Disponível em: <<http://portal.rpc.com.br/jl/online/conteudo.phtml?tl=1&id=899546&tit=Especialistas-defendem-suspensao-das-aulas-da-UEL-por-suspeita-de-gripe-A-H1N1>>. Acesso em: 1 jul. 2009.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Boletim de informações diárias sobre Influenza A**. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude>>. Acesso em: 29 jun. 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo performativo: o serviço de fotonotícia da agência Lusa de informação**. Santiago de Compostela, 1997 (Tese de Doutorado) - Universidade de Santiago de Compostela. Disponível em <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo-tese.html>>. Acesso em 8 jul. 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Influenza A**. Disponível em: <<http://www.who.int>>. Acesso em: 28 jun. 2009.